

Relação difícil vem da disputa à Prefeitura

Em 1985, declaração de Fernando Henrique de que era ateu deu início à tensão com a Igreja

As relações do presidente Fernando Henrique Cardoso com a Igreja começaram a naufragar na campanha pela Prefeitura de São Paulo, em 1985, quando o então candidato e senador pelo PMDB declarou num debate na televisão que era ateu. Naquela ocasião, Fernando Henrique afirmou que respeitava as religiões e os sentimentos dos que as professam, mas não seguia nenhuma delas. A frase caiu como uma bomba e, segundo avaliação de especialistas, contribuiu decisivamente para a derrota para o candidato do PTB, o ex-presidente Jânio Quadros.

Na Presidência, alguns dos ataques mais duros que Fernando Henrique tem recebido são desferidos pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Logo nos primeiros meses de governo, em 1995, a pastoral social da entidade divulgou um documento que causou polêmica. Segundo o texto, o governo em seus primeiros meses limitou-se a administrar o Real, sem definir uma política social para o País. Uma ala da Igreja, liderada pelo bispo coadjutor de Jundiá, d. Amaury Castanho, considerou inadequado e prematuro o documento, já que não havia nem cinco meses de governo.

Menos de um ano depois, em

março de 1996, a CNBB divulgou mensagem quaresmal em que protestava contra a política econômica do governo, a injeção de dinheiro público no sistema financeiro, a lentidão da reforma agrária e a quebra de direitos trabalhistas por meio das reformas propostas.

Sociais – No início do ano passado, durante a 35.^a Assembléia da CNBB, no Mosteiro de Itaiçi, em Indaiatuba (SP), o bispo da diocese de Paulo Afonso, na Bahia, foi o encarregado de dar o recado político e afirmou que o presidente se estaria esquecendo das cindo promessas sociais que o elegeram: educação, saúde, emprego, agricultura e segurança. As críticas do bispo foram baseadas em um relatório sobre a conjuntura sócio-econômica-política preparado pelo Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social (Ibrades), ligado à CNBB.

O presidente reagiu, em nota oficial. “Com o avanço da democracia, com a imprensa livre, fica mal, muito mal, que documentos com tanta irresponsabilidade sejam tomados a sério”, disse Fernando Henrique.

Mas foi em setembro do ano passado, no ato batizado de Grito dos Excluídos – celebrado na mesma Basílica Nova de Aparecida visitada pelo presidente on-

tem –, que o governo de Fernando Henrique recebeu seu mais duro golpe vindo da Igreja. Num missa que reuniu 150 mil pessoas, o bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, d. Angélico Sândalo Bernardino, não poupou críticas. “Autoridades dobram os joelhos diante do bezerro de ouro (*símbolo usado pelo catolicismo para significar culto pagão, idolatria*), sorrindo satisfeitas para a Nação, salvando a moeda, banqueiros, enquanto milhões de pessoas perdem o emprego”, afirmou d. Angélico.

No mesmo sermão, o bispo disse que o governo fabricava dados estatísticos para manter a nação “adormecida”. “Com nosso grito, queremos dizer aos ouvidos surdos, arrebatados de tanto

ouvir mentiras oficiais, promessas enganosas, dados estatísticos fabricados, que se abram à verdade e à participação.”

Na assembléia-geral da CNBB deste ano, os ataques ao presidente continuaram. “A lentidão do governo é tão grande que estimula invasões de terras e saques de supermercados”, analisou d. Orlando Dotti, da diocese gaúcha de Vacaria. “Em vez de mandar tropas do Exército para conter as famílias que invadem e saqueiam, o governo deveria mandar tropas com cestas de comida.” (F.G.)

SERMÃO DO
GRITO DOS
EXCLUÍDOS FOI
O PIOR ATAQUE